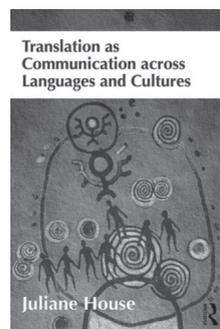


Translation as Communication

JULIANA HOUSE (2016). *Translation as Communication across Languages and Cultures*. Londres / Nova Iorque: Routledge, 158 p.



1

Translation as Communication across Languages and Cultures é uma obra de síntese de Juliane House, professora emérita da Universidade de Hamburgo e vulto destacado da Tradutologia. Este livro de 2016 fornece, de forma condensada, uma visão panorâmica dos Estudos de Tradução, recentrando-os no campo da Linguística Aplicada. Esta opção procura, segundo a autora, equilibrar a perspectiva, ultimamente preponderante, da Tradução como fenómeno predominantemente sociológico, político e ideológico, que relega a componente linguística para segundo plano. Nele podemos encontrar, de forma resumida, as principais conceções da autora, desde a noção de filtro cultural até à versão mais recente do modelo de avaliação de qualidade de tradução, que House tem vindo a atualizar desde os anos 70. Os Estudos de Tradução são aqui apresentados como disciplina de natureza interdisciplinar, cruzando-se com vantagem com a investigação desenvolvida nas áreas da comunicação intercultural, investigação transcultural, pragmática contrastiva, aquisição de segundas línguas e análise discursiva. Tal como o próprio título revela, a tradução é aqui abordada como fenómeno comunicativo e cultural.

A obra está claramente estruturada em quatro partes que, por sua vez, se encontram subdivididas em capítulos. A Primeira Parte dá conta de conceitos fundamentais para os Estudos de Tradução, subdividindo-se em quatro capítulos que tratam da natureza e das principais abordagens teóricas da tradução.

O Capítulo 1 apresenta a natureza da tradução como parte integrante da Linguística Aplicada. Aqui é importante destacar a acessão lata de Linguística

Aplicada como «a broadly interdisciplinary field concerned with promoting our understanding of the role that language plays in human life.» (p. 3) A visão restritiva desta disciplina, como aplicação de teoria linguística é aqui recusada, dado que a Linguística Aplicada «deals with many more issues than purely linguistic ones, and because disciplines such as psychology, sociology, ethnography, anthropology, educational research, communication and media studies also inform applied linguistic research.» (p. 3) Neste capítulo discute-se o papel fundamental da tradução na globalização, a tradução como forma de mediação entre línguas e culturas, bem como a tradução como processo cognitivo. O capítulo é concluído com a apresentação de alguns modelos de tradução, que sublinham o importante conceito de equivalência.

O Capítulo 2 fornece um panorama geral de diferentes abordagens teóricas da tradução. Neste capítulo são apresentadas, sob uma ordem cronológica, as primeiras abordagens linguísticas, textuais e comunicativas (Escola de Leipzig, Halliday e Hasan, Beaugrande e Dressler, Mounin, Catford, Nida, entre outros); a abordagem (neo)hermenêutica; os estudos descritivos de tradução; as perspectivas pós-modernista, pós-colonial, feminista e desconstrutivista; as abordagens funcionalistas e relacionadas com a teoria da ação e da receção e, por último, as abordagens discursiva, pragmática e funcional.

O Capítulo 3 aborda novas tendências nos Estudos de Tradução. A seleção da autora recai sobre o papel da ideologia, das questões éticas e sociopolíticas e das abordagens narrativas sobre a tradução. É ainda feita uma chamada a atenção sobre o papel da tradução em sociedades multiculturais, sobre os estudos de tradução micro-históricos e sobre a eco-tradutologia (de origem chinesa).

O Capítulo 4, intitulado «Cultura e Tradução», é dedicado à tradução como comunicação intercultural. A autora contrasta uma conceção antiquada de cultura, associada a estereótipos nacionais, estática e monolítica (na qual são visados autores como Hofstede e Hall) com uma conceção nova, que entende cultura como uma entidade dinâmica, fluida e com fronteiras cada vez mais difíceis de estabelecer num mundo globalizado e caracterizado pela «superdiversidade» (Bloomaert, 2013). Como representantes desta nova visão do conceito de cultura são referidos autores como Sperber (1906), Baumann (1996) ou Blommaert (2013).

A Segunda Parte ocupa-se, ao longo de quatro capítulos, de questões bem conhecidas da teoria da tradução como a (in)traduzibilidade, os universais da tradução, texto e contexto e avaliação de qualidade de tradução.

No Capítulo 5 discutem-se os fundamentos filosóficos, linguísticos e socioculturais da (in)traduzibilidade desde Humboldt, Sapir e Whorf até à

recente investigação neurolinguística em bilinguismo e tradução, com referência a autores como Paradis (2004) e de Groot & Christoffels (2006).

No Capítulo 6, partindo de uma breve descrição do desenvolvimento dos universais da linguagem, sintetizados aqui em dois grandes tipos (os oriundos do gerativismo, por um lado, e dos funcionais-tipológicos, com origem em Halliday, por outro), a autora discute a existência concreta de universais da tradução, concluindo, de forma assertiva, que estes não existem: «I want to go on suggesting quite bluntly that the quest for translation universals is in essence futile, i.e. that there are no, and there can be no, translation universals» (p. 56). A justificação da autora é apoiada em estudos empíricos, alguns dos quais (projeto «Covert Translation», Hamburgo) analisam e comparam *corpora* de traduções de géneros textuais diversos. Estes estudos deixam claro que fenómenos, por exemplo, como a explicitação (tida como um dos universais da tradução) oscilam consoante a direção da tradução, isto é, a língua para a qual for feita a tradução e o género textual em causa. Para além disso, de acordo com House, o tradutor, a situação de tradução e as próprias instruções de tradução são variáveis que invalidam a existência de universais de tradução.

O Capítulo 7, «Texto e contexto», descreve a relação entre texto original e tradução sob uma perspetiva funcional-pragmática. Com base na noção de «contexto de situação» (Halliday), House estabelece os fundamentos de uma teoria da tradução como recontextualização, aqui entendida como «taking a text out of its original frame and context and placing it within a new set of relationships and culturally conditioned expectations of its recipients» (p. 66). A parte final deste capítulo incide sobre a influência que o Inglês como *lingua franca* tem exercido sobre a referida teoria. House postula que, devido aos processos de globalização e internacionalização e à tendência para a normalização anglo-americana, haverá possivelmente menos necessidade de aplicação de um filtro cultural em processos de recontextualização. Aqui a autora reconhece um desiderato no que respeita a investigação sobre a influência da língua inglesa aos níveis pragmático e discursivo.

O Capítulo 8, dedicado à «Avaliação de qualidade de tradução», sintetiza o modelo desenvolvido por House (1977, revisto em 1997 e 2014), que se caracteriza pela sua natureza linguística e funcional-pragmática (baseada nas dimensões de Halliday *field, tenor e mode*). No âmbito desse modelo são introduzidas as noções fundamentais de *overt translation* (tradução manifesta) e *covert translation* (tradução velada) e de filtro cultural, que constituem alguns dos aspetos mais conhecidos e mais relevantes do pensamento da autora. A avaliação da qualidade da tradução é um assunto complexo e House reconhece

que para o fazer é necessário passar de «a macro-analytical focus to a micro-analytical one, from considerations of ideology, function, genre, register to the communicative value of collocations and individual linguistic items and back again» (p. 80-81). Mais do que considerações gerais subjetivas, a avaliação deverá revelar as implicações das opções tomadas numa tradução relativamente ao original*. Aqui os estudos de *corpora* desempenham um papel fundamental na identificação das normas e convenções do género na cultura de chegada.

A Terceira Parte da obra, constituída por três capítulos, é dedicada a três áreas de investigação recentes que se entrecruzam com os estudos de tradução: os estudos cognitivos, os estudos de *corpora* e a globalização.

O Capítulo 9, «Tradução e cognição bilingue», resume em poucas páginas o estado de arte na investigação sobre o processo de tradução, a evolução desde as primeiras abordagens nos anos 1980, caracterizados pelo recurso a protocolos de pensamento em voz alta, até à investigação mais recente que recorre à neuroimagiologia. As insuficiências desses estudos prendem-se, segundo a autora, essencialmente com o facto de aqueles terem como base a palavra, sendo a tradução uma atividade que se baseia no texto. Por último, House ressalta o modelo neurolinguístico de Paradis (2004), que esquematiza o funcionamento do cérebro bilingue (incluindo o dos tradutores). Este modelo preconiza a existência de dois subsistemas linguísticos de ligações neuronais que podem ser ativados ou desativados de forma independente, mas também revela um sistema que pode a qualquer momento selecionar itens de ambas as línguas. Relativamente à tradução, Paradis sugere dois tipos de operações: uma que envolve processos de descodificação (compreensão) textual numa língua e de codificação textual noutra (produção), e uma outra que se passa diretamente dos itens linguísticos da uma língua-fonte para os itens equivalentes na língua-alvo. House vê aqui uma possibilidade de articulação entre este modelo neurolinguístico e o seu próprio modelo de avaliação de tradução, particularmente no que diz respeito ao conceito de filtro cultural e à mudança para as regras pragmáticas da L2. A investigação sobre o processo de tradução beneficiará de uma teoria neurolinguística do bilinguismo.

O Capítulo 10, sobre o papel que os estudos de *corpora* podem desempenhar na tradução, sublinha as vantagens que a possibilidade de armazenar e manipular grandes quantidades de dados textuais trouxe à

* Devido ao carácter resumido desta obra, não encontramos aqui qualquer aplicação do modelo de análise. Para tal, aconselha-se a obra *Translation Quality Assessment. Past and present*, publicada pela autora em 2015.

tradução, quer na vertente investigativa, quer na vertente de prática tradutiva. Não constituindo em si mesmos um novo ramo da tradutologia, mas sim uma metodologia de investigação, a utilidade dos estudos de *corpora* depende da forma como estes forem utilizados. Para ilustrar este recurso metodológico, a autora apresenta exemplos de investigações levadas a cabo no âmbito do texto de divulgação científica em inglês e alemão, analisando a ocorrência de formas e fenómenos linguísticos em texto originais e em textos traduzidos. A análise quantitativa ajuda a verificar os resultados da análise qualitativa e a perceber a evolução diacrónica desses fenómenos, o recurso ao filtro cultural na tradução, bem como à possível influência da língua inglesa.

O Capítulo 11, dedicado às relações estreitas entre globalização e tradução, apresenta o fenómeno da globalização, visto à luz de teorias sociolinguísticas como *superdiversity* e *orders of indexicality* (Blommaert, 2005). A autora ressalta a globalização como fator impulsionador da tradução, resumindo desta forma a interligação dos dois aspetos:

[...] globalization has led to a veritable explosion of demand for translation. Translation is therefore not simply a by-product of globalization, but an integral part of it. Without translation, the global capitalist consumer-oriented and growth-fixated economy would not be possible. Therefore, we cannot really say that ELF [English as a *lingua franca*] has threatened or diminished the importance of translation. (p. 114).

O recurso ao inglês como *lingua franca* e o recurso à tradução continuarão a influenciar-se mutuamente.

Dada a ênfase que é posta aqui na tradução como parte integrante do processo de globalização e do papel que a tradução desempenha na internet e no e-comércio, seria, no entanto, de esperar que a autora dedicasse nesta obra algum capítulo aos desafios da tradução automática e aos meios informáticos que os gigantes da globalização têm desenvolvido para fazerem face a enorme necessidade de traduções. Contudo, tal não se verifica.

A Quarta Parte do livro é dedicada à prática da tradução em duas esferas sociais diferentes: o ensino de línguas (com séculos de existência e uma longa lista de conflitos) e a tradução como prática profissional, com novos desafios e uma variedade de cenários.

O Capítulo 12 aborda a tradução como meio de aprendizagem (e não como fim em si). Tendo a tradução sido, durante séculos, parte integrante do ensino de línguas estrangeiras e assumido um papel fundamental na lecionação e avaliação

de conhecimentos linguísticos, encontrou fortes opositores, sobretudo quando se passou a dar mais importância à oralidade e à comunicação. Atualmente a aprendizagem das línguas estrangeiras é cada vez menos vista como um processo monolíngue. Esse facto, aliado à importância do multilinguismo e de fenómenos como as migrações e a globalização, abriu as portas ao papel da tradução no ensino. A autora sintetiza em alguns pontos as vantagens do recurso à tradução, não deixando, no entanto, de expor objeções ao uso da tradução por parte de teóricos e profissionais, na atualidade. Por último, são fornecidos alguns usos alternativos para a atividade de tradução («atividades para-tradutivas») que operam a nível textual e que se prendem sobretudo com a comparação de fenómenos linguísticos e culturais que visam melhorar aspetos recetivos e produtivos da competência de comunicação, e que se destinam a alunos de nível avançado. O capítulo termina com a perspetiva mais positiva em relação à tradução (por parte da Linguística Aplicada) que concebe a tradução «as an omnipresent general interpretative activity that plays an important role in realizing pragmatic meaning inside and across languages» (p. 128).

No Capítulo 13 são afloradas as questões da ética da tradução, da tradução em zonas de conflito e da tradução em instituições multilingues. As questões da responsabilidade ética do tradutor têm vindo a ocupar um lugar cada vez mais destacado nos estudos de tradução e constituem um aspeto particularmente relevante para o profissional de tradução, pois são as questões éticas que impõem limites à neutralidade do tradutor. A autora resume desta forma a dificuldade em estabelecer princípios éticos que sejam válidos para os tradutores em geral:

Acting ethically means that the translator has the courage to act on her convictions in the face of a variety of adverse consequences. As opposed to the types of general validity that may be attached to text- and discourse-based models of translation, there are no general guidelines in the realm of ethics which would be valid in all possible contexts imaginable, because we are here concerned with texts and with human beings, the latter being so unlimitedly variable and complex that any generalization would be preposterous. (p. 133).

No que respeita a situações de conflito e de guerra, a autora remete para Mona Baker (em particular, *Translation and Conflict. A Narrative Account*, de 2006), que destaca o importante e difícil papel do tradutor em cenários de guerra, dado que este tem sempre um papel fundamental na maneira como dá forma aos acontecimentos. House propõe a introdução de um «filtro ético», como uma extensão do conceito de «filtro cultural», como forma de o

tradutor problematizar e avaliar por si próprio o que é eticamente aceitável e ter consciência do impacto que as suas decisões podem ter na vida de outras pessoas. O capítulo termina com uma breve panorâmica da atividade tradutiva em instituições internacionais, recorrendo ao exemplo dos serviços de tradução da União Europeia que constituem a maior de todas. Remetendo para a obra de Koskinen (2000), House refere-se ao valor simbólico da tradução. Por vezes, mais do que permitir a comunicação entre falantes, a tradução é testemunho da igualdade entre as línguas. A dimensão da instituição europeia confere-lhe um quadro de referência próprio, gerido pelo seu próprio sistema de regras. O facto de as traduções para as diversas línguas serem executadas em simultâneo confere-lhe igualmente um carácter próprio de «versão».

Como livro destinado a fornecer uma panorâmica dos Estudos de Tradução, como parte integrante da Linguística Aplicada, a obra de Juliana House cumpre bem o seu propósito, podendo ser aconselhada também como uma introdução à teoria desta autora e à investigação por ela desenvolvida ao longo das últimas quatro décadas. Escrita com uma grande clareza e sem rodeios no que diz respeito à assunção de uma perspectiva própria do âmbito dos Estudos de Tradução, *Translation as Communication across Languages and Cultures* é o testemunho de uma autora consagrada que consegue comunicar as suas ideias a um público diversificado de estudantes, docentes e investigadores de Tradução ou de Linguística Aplicada.

Teresa Alegre